

Acordo deve ser assinado em três semanas

O período é o tempo necessário para detalhar os termos ao FMI, disse Amaury Bier

O Brasil deve assinar dentro de até três semanas o acordo de ajuda financeira internacional de US\$ 41,5 bilhões, segundo o secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda, Amaury Bier, conforme a Agência O Globo.

Este período será necessário para que os termos do acordo entre o governo brasileiro e o Fundo Monetário Internacional (FMI) sejam explicados detalhadamente à direção da instituição, explicou o secretário. No mesmo período, será elaborada a redação final do texto do acordo. Bier explicou que não existe risco do acordo não sair ou de atraso na assinatura.

O secretário observou que, durante as quase três semanas em que esteve chefiando a missão técnica que fechou, em Washington (EUA), os termos finais do acordo, sentiu que os técnicos da instituição compreenderam claramente o grande esforço fiscal que o Brasil está se propondo a fazer. Reconheceram ainda, segundo Bier, o acerto da política econômica implementada desde o lançamento do Plano Real.

“Explicamos ao fundo que nosso ajuste é profundo e exequível. Eles entenderam que demos agora o passo definitivo rumo ao equilíbrio fiscal duradouro”, disse.

O ingresso de recursos externos no Brasil deve melhorar gradativamente nos próximos meses, em função do fechamento do acordo e da melhora do cenário econômico internacional, previu Bier. A situação de equilíbrio apresentada pelo fluxo cambial nas últimas semanas deve evoluir para um quadro de ingressos significativos, ao longo do primeiro semestre de 1999, projetou o secretário.

“Boa parte do capital estrangeiro de curto prazo já saiu do País. Atualmente, temos, alternadamente, pequenas saídas e pequenas entradas diárias. Mas nos próximos meses, vamos passar a ter fluxos diários positivos”, previu.

Bier observou ainda que a iminência do anúncio da conclusão das

negociações entre o Brasil e o FMI ajudaram a levar ao quadro de estabilidade do fluxo cambial. Entretanto, o secretário destacou que a melhora do cenário econômico internacional nas últimas semanas também pesou para mudança das expectativas em relação ao Brasil.

“Não podemos esquecer a influência positiva da redução dos juros

promovida pelos Estados Unidos e Europa e a perspectiva de melhora da economia japonesa”, lembrou Bier.

O primeiro semestre do próximo ano será difícil para a economia brasileira, previu o secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda. Neste período, o nível da atividade econômica deve apresentar índices negativos, em função dos níveis elevados das taxas de juros e do clima de retração vivido atualmente pela economia mundial.

Entretanto, para o segundo semestre, o secretário previu que a

economia brasileira poderá até apresentar índices de crescimento, em função da redução das taxas de juros esperada para os próximos meses e da melhora do quadro econômico internacional.

Bier não quis quantificar suas previsões. Entretanto, observou que a projeção de retração de 1% do Produto Interno Bruto (PIB) para 1999, embutida na proposta de Orçamento da União para o próximo ano não é uma meta do governo, mas sim apenas uma previsão conservadora.

“Dentro do possível, vamos trabalhar para conseguirmos um resultado melhor”, afirmou o secretário. Ele disse também que se surpreendeu com o comportamento da inflação nos últimos três meses e nas primeiras semanas de novembro, especialmente com o Índice de Preços ao Consumidor (IPC) da Fipe, calculado na Grande São Paulo, e que apresentou deflações. “Confesso que esperava uma reversão do processo de deflação a partir de outubro. Mas ainda não tive tempo, desde que cheguei de Washington, para analisar tal fenômeno”, concluiu.

A entrada de recursos externos deve elevar-se gradativamente com o acordo e com a melhora do cenário mundial, disse Bier